

# Tribuna Operária <sup>da Luta</sup>

ANO IV — Nº 115 — DE 18 A 23 DE ABRIL DE 1983

Cr\$70,00

## Comitê dos desempregados: 'NOSSA BRIGA VALEU!'



Fernando Henrique: nosso modelo e o contrario

### "Este governo de Brasília tem que ser mudado"

O senador Fernando Henrique Cardoso, presidente do PMDB paulista, comenta para a TO os acontecimentos de S.Paulo. Pág. 4

"O governo há duas semanas não sabia o que é um desempregado. Agora sabe." A afirmação, de um membro do Comitê de Luta Contra o Desemprego, exprime o que aconteceu no país depois das manifestações dos sem trabalho em São Paulo. As reações, os planos e propostas de diferentes setores, assim como o trabalho do Comitê, estão nas páginas 4 e 8.

### Por que os sem trabalho perdem a paciência

Vidas desfeitas, humilhações e fome no dia-a-dia dos desempregados. Só podia dar no que deu. Página 8

### PMDB lutará por eleições diretas para presidente

As decisões da reunião do Diretório Nacional pmdbista e de parlamentares do PDT e PT sobre a campanha pela eleição direta. Pág. 3



Reagan arma somozistas para sabotar o governo democrático da Nicarágua

### O plano de Reagan para a América Central

O "New York Times" revela o plano criminoso para manter o domínio dos EUA sobre oito países centro-americanos. Pág. 2

#### EDITORIAL

### Lições da rebelião

A explosão dos trabalhadores famintos em São Paulo fez tremar os donos do poder. O braço erguido do povo voltou-se não apenas contra o regime militar, mas contra a própria dominação capitalista. O proletariado tornou-se centro das atenções no cenário político do país. Muita gente que fazia pouco caso do trabalhador levou um susto e agora mexe-se e discute o assunto do desemprego.

Os ocupantes do Palácio do Planalto sentiram que entregar o país ao FMI não é a mesma coisa que comandar ordem unida no quartel. Sem ter solução alguma para o problema, buscam aliviar a tensão alardeando planos mirabolantes e demagógicos. Enquanto isto, o general Figueiredo vai para a televisão fazer ameaças e intimidar as massas e ao mesmo tempo apelar para a colaboração de todos — culpados e vítimas — para superar a crise. Explorando o temor comum a todos os setores burgueses diante do movimento popular, ensaia um "novo diálogo" com setores moderados da oposição.

Mas atualmente são muitos poucos os oposicionistas, mesmo os mais atrasados, que embarcam na canoa furada do ataque aos "radicais de esquerda" e aos comunistas. Além disto, é muito grande a área de atritos entre interesses regionalistas das classes dominantes e é demasiadamente acirrada a disputa em torno da sucessão presidencial. Nem mesmo as hostes do PDS se entendem nestas questões. Para abrir de fato algumas possibilidades de acordos, seria necessário mexer na política econômica. Mas isto diz respeito aos interesses maiores do regime, umbilicalmente atrelado ao capital internacional. Para os generais, é intocável.

Diante da situação calamitosa do país, até para os democratas mais vacilantes, a única saída, mesmo a contragosto, é

aproximar-se do movimento operário e popular. Não existe outra forma viável para levar à frente os planos discutidos na campanha eleitoral e aprovados por expressiva maioria nas urnas em 15 de novembro. O outro caminho, de aproximação com o regime e de traição aos eleitores, equivale à capitulação e ao suicídio político.

Os trabalhadores também foram sacudidos pelo movimento que realizaram. Foram alertados para a força que possuem. Vão compreendendo que sua luta teria sido muito mais profunda se empregados e desempregados tivessem agido de forma unitária. Se os desempregados encontrarem solidariedade efetiva dentro das empresas, se as manifestações de rua somarem paralisações e outras formas de luta dentro das fábricas, os resultados serão certamente outros. A própria ação dos provocadores ficará tolhida. A luta é essencial. Mas a luta com unidade.

As massas tomam também consciência do papel nocivo dos grupelhos míopes que fizeram tudo para desviar o gume da luta do governo federal para os governos oposicionistas eleitos em 15 de novembro. Ficou evidente que os apelos contra o governo de Montoro muitas vezes serviram também para os grupos terroristas de direita, interessados em confundir e isolar os trabalhadores do conjunto do movimento democrático.

A formação dos Comitês de Luta Contra o Desemprego revelou-se como um exemplo a ser multiplicado, englobando empregados e desempregados. Os trabalhadores testaram na prática as suas formas de organização. Compreenderam mais uma vez que organizados podem neutralizar os provocadores e conquistar um apoio mais amplo e efetivo da opinião pública.



Aldo Arantes, pela legalização da UNE

### Legalização da UNE é exigência das oposições

PMDB, PDT, PTB e PT proclamam unidos, em Brasília: entidade máxima dos estudantes deve ser legal. Pág. 5



Pichação nas casas dos moradores do Lagamar. Firmeza na defesa de seus direitos

### No Ceará invasores do Lagamar são vitoriosos

Dos 760 ocupantes das casas do Conjunto Habitacional, 572 já têm permanência garantida. Os autores 188 permanecerão até construção de novo Conjunto. Pág. 5

### Gandhi: oito "Oscars" à apologia do pacifismo

Um filme bem feito, e muito premiado, para vender a ideia das "flores vencendo canhões". Pág. 7



Gandhi e seus seguidores

# A trama dos EUA na América Central

Em abril de 1982 o presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, aprovou um plano secreto para consolidar o domínio ianque na América Central. O plano, aprovado numa reunião com o Conselho de Segurança e os principais assessores da política externa norte-americana, foi revelado dias atrás pelo jornal "New York Times".

Ordens expressas para subverter governos soberanos, apoiar ditaduras sanguinárias, respaldar golpes militares pró-americanos e isolar as forças moderadas da América Central foram emitidas por Reagan na nefasta reunião de abril do ano passado.

Com a revelação do plano — publicado na íntegra —, pela primeira vez se consegue uma prova oficial contra a ação do governo dos EUA em países latino-americanos. A violação mais descarada da soberania dos países centro-americanos e a chacina de populações inteiras, integram os projetos da política de Reagan na região.

## A "GANG DOS NOVE"

O documento secreto chama-se "Política dos Estados Unidos na América Central e Cuba". Foi aprovado numa reunião entre Reagan; seu vice, George Bush; o secretário de Estado, Alexander Haig (substituído por Shultz três meses depois); o secretário de Defesa, Caspar Weinberger; o diretor da CIA, William Casey; o diretor do Conselho de Segurança, William Clark; além de Edwin Meese, Michael Deaver e James Baker, assessores da Presidência.



Os somozistas financiados pela CIA para lutar na Nicarágua.

Para cada um dos oito países da região, esta "Gang dos Nove" delimita uma política de intervenção.

Sobre Cuba os EUA decidiram recusar as ofertas de reaproximação de Fidel Castro e apertar ainda mais o bloqueio econômico. Para a Nicarágua a ordem é subverter o regime sandinista com ações secretas, de acordo com a diretiva 17 da Segurança Nacional. Isto confirma revelações feitas no final do ano passado de que a Casa Branca havia gasto quase 20 milhões de dólares para organizar, treinar e armar as forças contra-revolucionárias somozistas.

Nove" recusa negociações de paz, reforça o exército salvadoreño e tenta agravar as divergências no seio da oposição. No Panamá o documento exalta o mini-golpe do comandante da Guarda Nacional e atual presidente do país Aristides Royo, afirmando que ele é "mais dinâmico e pró-americano". Em relação à Costa Rica Reagan decidiu pressionar o governo a se engajar mais na ação contra-revolucionária na região. E Honduras, como era de se esperar, foi apontada como a base central para a agressão contra a Nicarágua. O governo do México, por sua vez, foi criticado violentamente por sua ação pacificadora e moderadora na região. Da

mesma forma apontou-se a necessidade de reduzir a influência da social-democracia europeia na área.

## AJUDA MILITAR

Reveladora mesmo foi a saudação entusiástica ao golpe militar do general Efraim Rios Montt, ocorrido três semanas antes na Guatemala. Os nove chefes do imperialismo ianque decidiram dar a ele 10 milhões de dólares em ajuda militar de outubro de 1982 a outubro deste ano. É interessante notar que durante vários meses após o golpe, quando o exército guatemalteco se empenhava numa campanha anti-guerrilha, que custou a vida de milhares de civis, o governo dos EUA sustentava publicamente a posição de que não estava disposto a reestabelecer a ajuda militar à Guatemala, face às "graves violações dos direitos humanos". Só no final do ano, quando a situação já havia "melhorado", segundo Washington, a ajuda militar foi retomada.

## APLICADO A RISCA

Desmascarado publicamente, o governo agora tenta se defender, alegando que o documento não passava de uma "proposta" que não foi aprovada. Mas os acontecimentos recentes não deixam margem a dúvidas. Ele não só foi aprovado, como vem sendo aplicado a risca.

Por exemplo, em março passado Reagan pediu ao Congresso 278 milhões de dólares a mais em "assistência" para a região, conforme propunha a "Gang dos Nove". Para onde vai esse dinheiro, todo mundo sabe. (Luís Fernandes)

# Começa dia 21 a Campanha Karl Marx da Tribuna

Tem início no próximo dia 21, Dia de Tiradentes, a Campanha Nacional Karl Marx da Tribuna Operária. Em vários Estados as sucursais e amigos do jornal já se mobilizaram no sentido de arrecadar Cr\$ 5 milhões, atingir e manter a tiragem de 50 mil exemplares semanais, vender 5 mil assinaturas e enraizar ainda mais o jornal na classe operária.

A Campanha é uma homenagem ao fundador do socialismo científico, Karl Marx, no ano do centenário de sua morte, e será encerrada no dia 20 de junho, quando a direção da T.O. fará o balanço de seus resultados e premiará as pessoas e grupos de colaboradores que mais se destacaram no cumprimento de suas metas, a nível nacional. Num momento em que a classe operária se lança em grandes ações de massas, e em que o governo militar e os reacionários tentam apresentar suas manifestações como "baderna" e atitudes de desordeiros, torna-se fundamental à classe operária divulgar e consolidar sua imprensa. Afinal, as mesmas vezes que agora se levantam contra os justos protestos dos trabalhadores, silenciaram sobre o espezinhamento dos mais elementares direitos democráticos do país e sobre o entreguismo aberto de nossas riquezas ao capital internacional.



## Todo apoio à Tribuna!

A partir desta semana, até o final de maio, publicaremos uma seção com os resultados obtidos pela Campanha Nacional Karl Marx da Tribuna Operária. Já recebemos, como antecipação de sua cota financeira, Cr\$ 200 mil da Bahia. E o artista plástico Elyias Andreotto cedeu-nos três coleções autografadas de cartazes de sua autoria.

Mas a classe operária, vítima desse processo, não silenciou um momento sequer. Pelo contrário, lançou-se à luta pela conquista da liberdade e da independência nacional. E, para enfrentar o embate no campo das ideias, divulgar e propagandear suas ações, aprofundar e ampliar sua luta e ganhar aliados, os operários precisam de sua imprensa de classe, que

analise os acontecimentos de acordo com os seus interesses. A Campanha Karl Marx visa, precisamente, fortalecer e ampliar o alcance dessa imprensa.

Várias iniciativas já foram realizadas para atingir os objetivos da Campanha. Palestras e debates foram programados para seu lançamento no dia 21. Em São Paulo será realizado um show de Trio Elétrico, no dia 23, às 18 horas, em frente a Câmara Municipal. Boletins estão sendo editados em São Paulo, Salvador e outros Estados.

## Trabalhadores, leiam e assinem a Tribuna Operária



Luiza Maia, vereadora do PMDB em Camaçari, Bahia

Leio e vendo a Tribuna Operária desde que este grande jornal foi lançado. Considero-o uma das coisas mais importantes para o movimento proletário e popular, pois nele encontramos as orientações necessárias para o avanço da luta do povo brasileiro nessa grande jornada em busca da verdadeira liberdade e independência nacional. É vital que todos os trabalhadores das cidades e do campo, assim como os setores democráticos e populares, se esforcem para garantir a continuidade e crescimento da imprensa operária. Que leiam e assinem este jornal!

A Bahia instituiu alguns prêmios para as pessoas ou grupos que se destacaram no cumprimento das metas no Estado, além de ter estipulado o cumprimento de 10% de sua cota de 900 novas assinaturas ainda antes do dia 21. Em São Paulo, já em ritmo de campanha foram vendidos 1340 jornais a negociação metalingüística, durante a negociação salarial do ABC. Em Suzano (interior), somente em uma fábrica estão sendo vendidos 140 jornais por semana, e ainda neste mês será inaugurada a oitava sucursal do interior do Estado, em Santos. No Ceará e Acre já foram pedidos um maior número de jornais para venda, e no Maranhão, será realizada palestra sobre a imprensa popular, seguida de um forró, no lançamento da campanha.

Mas a luta não se dá sem percalços. No dia 9, em Nova Iguaçu (RJ), dois tribuneiros foram detidos quando vendiam a T.O. E no centro de São Paulo, no dia 12, a polícia impediu a venda do jornal, além de prender e espancar, no câmbio, um tribuneiro, que foi levado para a Polícia Federal. Fatos estes são uma tentativa de intimidar os que defendem as mais amplas liberdades para o nosso país.

# Limpeza da retaguarda para a guerra

Para os planos de preparação bélica dos EUA é ponto essencial "limpar a área" na sua retaguarda. Os imperialistas americanos farão tudo para liquidar o movimento guerrilheiro em El Salvador, dobrar o governo democrático da Nicarágua e sufocar as lutas de libertação em toda a América Central e América do Sul.

O "plano Reagan", que agora veio à tona, a escalada militar em El Salvador e a criminosa intervenção na Nicarágua só podem ser entendidos dentro do ponto de vista mais geral da corrida das duas superpotências para uma nova guerra mundial. E a visita do Papa na América Central, dando respaldo aos governos terroristas e condenando os setores mais progressistas da Igreja, também se insere nesta disputa feroz.

## LIMPAR O QUINTAL

Recentemente Reagan anunciou uma super-armada contra a URSS. Esta por sua vez ameaçou com a instalação de mísseis nas fronteiras americanas. E visando arremediar e neutralizar os aliados europeus dos EUA, prometeu arrasar a Europa se desta região partir qualquer míssil contra o território soviético. É uma manobra de força, que visa

abalatar a Aliança Atlântica dirigida pela EUA e dissuadir os países europeus de aceitarem os foguetes atômicos americanos em seus territórios.

A contra-ofensiva americana não se fez esperar. Em acordo com Mitterand, foram denunciados e expulsos da França 47 diplomatas russos, sob a acusação de montarem uma rede de espionagem da KGB neste país. Também a Inglaterra expulsou jornalistas e diplomatas soviéticos, com a mesma acusação. Este esforço para isolar os através do desmantelamento de suas redes de espionagem já vem de algum tempo. Logo depois do atentado contra o Papa, a CIA produziu um material para a televisão americana, que a Rede Globo retransmitiu aqui no Brasil no fim do ano passado, responsabilizando o serviço secreto da URSS. Além da atividade propriamente armamentista, cada um dos contendores trata de isolar e combater o inimigo no terreno político e diplomático e ampliar o seu próprio raio de dominação. Seria imprudente para cada um deles lançar-se à guerra sem ter tranquilidade no que eles mesmos consideram o seu "quintal".

## CONVERSA GASTA

O Brasil, marcado cada vez mais pela instabilidade política, e



Diplomatas russos expulsos da França por espionagem

pela elevação das lutas populares, é ponto chave para a dominação americana no continente, e um aliado fundamental dos EUA no Atlântico Sul, em caso de guerra. Por isto não é de se admirar que o imperialismo tenha uma preocupação especial em combater o movimento popular, sabotar a organização principalmente da classe operária e impedir a aliança das forças populares e democráticas.

É dentro desta ótica que se pode compreender a fúria da imprensa mais reacionária, e mais comprometida com o entreguismo em

nosso país, contra o Partido Comunista do Brasil e contra o governo oposicionista de Franco Montoro, nos últimos acontecimentos em São Paulo.

Esta velha e gasta cantilena de "aliança com o comunismo" foi usada para desencadear o golpe militar de 1964. Esta mesma conversa de livrar o país da "dominação vermelha" que serviu de bumbo para a agressão ao Vietnã continua servindo para as brutais atividades militares contra os povos centro-americanos. A fonte é sempre a mesma.

# A heróica resistência do Gueto de Varsóvia

O dia 19 de abril marca o aniversário do levante do Gueto de Varsóvia. O martírio de 50 mil judeus que enfrentaram, praticamente desarmados, o poderoso exército de Hitler e que até hoje são um exemplo para os povos em luta por sua liberdade e soberania.

O Gueto de Varsóvia foi criado em 1940 pelas tropas de ocupação nazista na capital da Polónia

para segregar e concentrar os 400 mil habitantes judeus da cidade (1/3 da população total), bem

para segregar e concentrar os 400 mil habitantes judeus da cidade (1/3 da população total), bem

como os refugiados judeus de outras regiões. Em condições de vida inteiramente desumanas e degradantes, até julho de 1942 mais de 100 mil, dos 550 mil habitantes, já haviam morrido em consequência da fome, frio e doenças. De julho a setembro de 1942 mais de 300 mil judeus foram mortos ou deportados para o campo de extermínio de Tremblin.

Neste mesmo período criou-se uma ampla frente de resistência chamada Organização Lúdica de Luta (ZOB), que tentou obter armas para enfrentar os alemães no gueto junto à resistência polonesa. Mas acabou recebendo muito poucas, fundamentalmente através da Guarda do Povo Polonês, grupo "partisan" vinculado ao Partido Comunista. Dentro do gueto, oficinas clandestinas improvisavam armas e granadas, enquanto era cavada uma rede de bunkers e túneis de comunicação subterrânea.

Assim, quando os alemães tentaram iniciar uma segunda onda de deportações contra os 50 mil judeus que restavam, em janeiro

de 1943, enfrentaram uma resistência tenaz. Depois de quatro dias de luta armada, os hitleristas foram forçados a recuar.

Mas em 10 de abril os nazistas receberam ordem expressa do comandante Himmler de "eliminar" o gueto. Jogaram o grosso das suas poderosas tropas na Polónia contra os civis judeus. Em um mês toda a população foi aniquilada. Só 59 combatentes conseguiram escapar, com a ajuda da Guarda do Povo Polonês.

## IRISTE IRONIA

O último apelo dos combatentes do Gueto de Varsóvia aos poloneses foi marcado por um profundo ódio ao nazismo e amor à liberdade: "Esta é uma luta pela vossa liberdade e a nossa. Pela vossa honra e dignidade humana, social e nacional. Viva a Fraternidade da Polónia Combatente. Viva a Liberdade!"

É uma triste ironia que hoje os governantes de Israel pratiquem as mais bárbaras atrocidades, em tudo semelhantes às dos nazistas, contra os povos árabes e palestinos. Justamente em nome dos heróicos combatentes anti-fascistas do Gueto.



50 59 combatentes sobreviveram ao massacre perpetrado pelos nazistas.

Desejo receber em casa a Tribuna. Para isto envio em anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda.

( ) Anual de apoio — 52 edições — Cr\$ 7.000,00

( ) Anual comum — 52 edições — Cr\$ 3.500,00

( ) Semestral de apoio — 26 edições — Cr\$ 3.500,00

( ) Semestral comum — 26 edições — Cr\$ 1.750,00

( ) Assinaturas do exterior — US\$ 70,00

Nome .....

Endereço .....

Bairro ..... Cidade ..... Estado .....

CEP ..... Fone ..... Data .....

# A hiperinflação de março, obra do FMI

A incrementada taxa de inflação de março, de 10,1%, continua dando o que falar. Entre os economistas da reação criou-se uma polémica séria. Uns, como Gouveia de Bulhões, querem um "tratamento de choque", às custas dos trabalhadores. Em nome da corrente rival, o ministro Galvães proclama que tudo "é uma questão de ciência".

"Devagarinho chegaremos lá" — garantia segunda-feira o ministro, que é braço direito de Delfim Netto. Mas "lá" aonde? É preciso examinar o que empurrou os aumentos para cima, para saber para que lado caminha a curva inflacionária, se para cima ou para baixo.

Segundo Galvães, os fatores da super-inflação de março foram a maxidesvalorização do cruzeiro, de 18 de fevereiro, e São Pedro, o eterno culpado pela inflação, que fez chover demais, encarecendo os produtos hortigranjeiros. Dai ele conclui que, como a máxi já passou e São Pedro não é tão ruim assim, a tendência dos preços é de declinando aos poucos.

Levando em conta o crédito de que dispõem os ministros da área econômica atualmente, a opinião pública logo concluiu que vai acontecer justamente o contrário. E tem razão. A disparada dos preços é, na sua maior parte, consequência direta da política imposta ao Brasil pelos banqueiros internacionais, principalmente através dos acordos com o FMI. A própria máxi, que efetivamente tem grande dose de culpa no cartório, não foi mais que um passo dentro desta política. Se a máxi foi em fevereiro, a política permanece, gerando os mesmos frutos inflacionários — inclusive a possibilidade de um belo dia o país acordar maxidesvalorizado outra vez.

## QUE O FMI QUER DE NÓS

A bem da verdade, deve-se dizer que os tecnocratas do FMI não gostam da inflação. Segundo suas teses, ela deve ser debelada, por métodos como o arrocho salarial e a compressão dos gastos com fins sociais, tal como se está fazendo no Brasil. Acontece que a grande prioridade para os senhores do FMI não é esta — e

## O que aumentou em março, e por que

	<b>Petróleo e derivados</b> 27%	Consequência direta da máxi. Mas também da política do FMI, de retirar os subsídios sobre certos derivados — como o gás de cozinha e o óleo diesel.
	<b>Passagens aéreas</b> 20,8%	Rescaldo da maxidesvalorização, via encarecimento do querosene de aviação (28,9%). Quem não anda de avião não tem por que sentir alívio: as passagens de ônibus também subiram.
	<b>Fretes rodoviários</b> 6,9 a 11,7%	Empurrados pelo óleo diesel, jogaram para cima praticamente todos os gêneros de primeira necessidade.
	<b>Tarifas de eletricidade</b> 18%	Sobem sempre mais que a inflação, por imposição dos bancos internacionais que emprestaram dólares à Eletrobrás. Uma gorjeta feita de cada conta de luz vai pagar essa dívida.
	<b>Açúcar</b> 26%	Se a dona-de-casa quer saber por que seu preço disparou, o culpado é o FMI. O Fundo foi quem ordenou o fim do subsídio ao açúcar, antes a mais barata fonte de calorias para os brasileiros.
	<b>Trigo e derivados</b> 30%	Outra vítima do fim dos subsídios, imposto pelo FMI. E sofreu também com a máxi, já que três quartos do trigo que comemos são de plantações americanas, argentinas e canadenses.
	<b>Medicamentos</b> 26%	Sempre dentro da linha do FMI, o governo liberou os preços de vários remédios e alguns deles mais do que dobraram nos 30 dias de março. O povo que morra.
	<b>Automóveis</b> 3,4 a 3,6%	Fabricados apenas por multinacionais, encareceram todo o mês, dentro do acordo feito entre o ministro Delfim Netto e os capitalistas estrangeiros.
	<b>Alimentos em geral</b> 12,2%	Este foi o aumento para o consumidor, puxado pelo frango (35%), o leite (30%) e os hortifrutigranjeiros. Como o aumento por atacado foi maior ainda (14,8%). A disparada tende a continuar através de abril e dos meses seguintes.

sim que a nação brasileira lhe pague a dívida externa, pontualmente e com juros. Para o país pagar a dívida tem de ter dólares e para ter dólares tem de exportar. Dai o lema número um do FMI para nosso país, expresso com rara precisão pelo ministro Delfim Netto, na frase "exportar ou morrer".

A máxi rendeu 540 milhões de dólares de saldo comercial em março. E isto é o que interessa aos banqueiros internacionais, que logo embolsaram a bolada como pagamento da dívida. Se isto significou uma inflação de 10,1% em março (veja o quadro acima), o pro-

blema é do povo brasileiro, não deles.

O governo Figueiredo, com a mais impávida caradura, continua mentindo sobre o assunto. Pula de desculpa em desculpa. Mas tem cada vez mais dificuldade para esconder a verdade. Antes, dizia que o problema era a inflação mundial; ou os árabes, que aumentavam o preço do petróleo. Mas agora o preço do barril de petróleo já caiu 5 dólares no mercado internacional; a inflação no mundo capitalista desenvolvido baixou de 15% para 5,3%, porém continua em alta acelerada a inflação brasileira, empurrada para cima pelo FMI.

# PMDB lança campanha por eleições diretas

A campanha nacional em defesa das eleições diretas para presidente da República vai, aos poucos, ganhando força dentro do PMDB. Depois de aprovada pela bancada federal do partido, esta semana foi o Diretório Nacional, reunido em Brasília, que aprovou oficialmente a tese. O Diretório aprovou um documento público ressaltando a necessidade e a importância de se desencadear a luta pelas eleições diretas em 1985 e a Executiva deverá constituir nos próximos dias uma comissão, formada por senadores e deputados, para coordenar a campanha.

O documento aprovado pelo Diretório Nacional do PMDB, depois de fazer uma breve análise do momento político e econômico, conclui que a eleição direta é o melhor caminho para se conquistar a plena democracia. "Não há alternativa política fora da consulta popular. As urnas são o caminho, o único, para o Palácio do Planalto. Insistir no expediente casuístico e antidemocrático é acumular e transferir a crise, fazendo-a explodir dentro de pouco tempo com irremediáveis e trágicas consequências para o processo político brasileiro" — afirma o documento.

Em outro trecho o texto ressalta a necessidade de se continuar a luta pela convocação de uma Constituinte. "A nação exige prementes reformas estruturais que remodelam a sociedade e violenta e injusta que aí está. Isso,



Haroldo Lima: "a principal bandeira das oposições e do povo"

necessariamente, passa pela via política e institucional. A síntese é o universo da Assembleia Nacional Constituinte, tendo a eleição pelo voto direto do presidente da República como aríete para a tomada da Bastilha do poder usurpado pela oligarquia tecnocrata".

## UNIR AS OPOSIÇÕES

A tese das eleições diretas é apoiada pela maioria dos políticos oposicionistas do país, embora alguns ainda façam restrições quanto à oportunidade do lançamento desta campanha. Para o líder do PT, Airton Soares, as oposições já estão atreladas neste processo. "Essa campanha por ser a mais ampla e a que possibilita o engajamento de toda a sociedade deveria ir para a rua imediatamente. Não há proposta que possa chegar mais ao povo do que esta. Podemos fazer uma nova campanha eleitoral neste país a partir de maio", argumenta Soares. Na sua opinião as contradições entre os partidos de oposição precisam ser superadas rapidamente para permitir que a campanha seja tocada pelo conjunto das forças populares e democráticas. Ele propõe: "É preciso que os presidentes dos partidos de oposição sentem na mesa com espírito desarmado e decidam logo botar esse bloco na rua".

Já o deputado Jacques Dornelles, ex-sargento cassado, do PDT, embora defenda as eleições diretas, é contra o lançamento da campanha neste momento. "A questão central da luta política de hoje é derrubar o acordo

com o FMI. Esta é a luta prioritária e que deve ser iniciada antes de qualquer outra", afirma Dornelles. O deputado Alencar Furtado tem uma posição mais abrangente. Ele também destaca a importância de se lutar em defesa da soberania nacional, mas acredita que as duas coisas devem ser feitas ao mesmo tempo. "A luta pelas eleições diretas é um problema institucional que faz parte de um conjunto maior que é a necessidade de mudarmos o modelo econômico dependente do capital internacional. Mas acho que as duas lutas se completam. A campanha pelas eleições diretas deve vir acompanhada de uma proposta maior que é a formação de uma grande frente nacionalista neste país" — afirma Alencar.

## SOLUÇÃO DEMOCRÁTICA

O deputado Haroldo Lima, vice-líder do PMDB, é um dos mais vigorosos defensores da luta pela eleição direta. "A luta pelas eleições diretas é a principal bandeira das oposições e do povo brasileiro. Em primeiro lugar porque significa a realização de um decisivo e indispensável passo no processo de democratização do país que o povo está realizando. E depois porque ela abre caminho para a solução democrática e popular da crise econômica, social e financeira do país. Só um governo efetivamente democrático poderá, por exemplo, assumir e comandar a posição patriótica e justa de se suspender o pagamento da dívida externa" — argumenta Haroldo Lima. (Moacir Oliveira Filho, de Brasília)



Alencar: "formar a frente nacionalista"

## Tribuna Operária recebe novos apoios

"A aplicação indiscriminada de medidas consideradas de segurança, mas que atingem jornalistas, padres, parlamentares, sindicalistas, posseiros, em nada contribui para a tranquilidade que se deseja no país", afirma Miguel Arraes, deputado federal do PMDB de Pernambuco, em nota de apoio à Tribuna Operária, ameaçada pela Lei de Segurança Nacional.

Além da solidariedade do ex-governador, chegando de Pernambuco um abaixo-assinado que exige o fim da LSN e da tentativa de enquadramento dos jornalistas da Tribuna Operária. "O fim desta lei é uma exigência de todos os trabalhadores e democratas, porque a mais ampla liberdade de expressão, manifestação e organização é o que necessita nosso povo em sua luta por melhores dias para nosso país", afirma o documento. Assim, num total 25 entidades, dirigentes de vários Sindicatos de Trabalhadores Rurais e Urbanos, da Fetape (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado), de Associações profissionais e de estudantes. O Diretório Regional do PT também se solidariza com o jornal. Dos 22 deputados estaduais do PMDB no Estado, 19 também repudiam a tentativa.

Condenando a LSN, "que não passa de um abrigo para a manutenção de privilégios e discriminações e na verdade é um dos pilares legais que mantêm o regime autoritário", chegou do Piauí um abaixo-assinado solidarizando-se com "todo o



Deputado Miguel Arraes solidário com o jornal

pessoa da TO". O documento nos pede "que continuem firmes na luta pela liberdade do homem e pela organização dos trabalhadores". Domésticas, pedreiros, dirigentes rurais e estudantes deram sua adesão ao abaixo-assinado, que contém 83 assinaturas. Durante um debate sobre a LSN, promovido pelo Comitê Juvêncio Mazzarollo, em Londrina, no dia 29, foram coletadas 59 assinaturas em repúdio às pressões contra a Tribuna Operária e outros jornais e a prisão de Juvêncio Mazzarollo, diretor do jornal Nosso Tempo. O vereador Ildéu Felismino e o deputado estadual Márcio Almeida, ambos do PMDB, assinam o abaixo-assinado.

## Governo quer aumentar pena de Mazzarollo

A Procuradoria Geral da Justiça Militar apresentou recurso, no último dia 11, no sentido de ampliar de um para três anos a pena de reclusão do jornalista Juvêncio Mazzarollo, detido desde o ano passado em Curitiba. Mazzarollo foi condenado com base na Lei de Segurança Nacional, devido às denúncias contra a ditadura militar publicadas em seu jornal "Nosso Tempo", de Foz de Iguaçu.

No Paraná funcionam os Comitês pela Liberdade de Juvêncio Mazzarollo, que têm mobilizado a opinião pública contra o absurdo de sua condenação. O jornalista tem sofrido sérios problemas de saúde no cárcere. Recentemente ele foi transferido da Penitenciária de Pirajuru para uma cela em Curitiba, o que minorou, mas não acabou, seus sofrimentos.

## PRESOS POLÍTICOS

No Brasil, desde a assinatura da anistia restrita pelo general Figueiredo, os cárceres políticos já receberam mais de vinte presos, incluindo jornalistas, trabalhadores rurais e até padres. Todos condenados com base na espúria Lei de Segurança Nacional, condenada por todos os setores democráticos da sociedade.

## Errata

Na edição passada, na matéria sobre a rebelião da fome em São Paulo, página 8, houve uma informação truncada. O Deputado Aurélio Peres é citado como participante da assembleia dos desempregados, segunda-feira, às 8 horas, no Largo 13 de Maio. Na verdade o seu pronunciamento foi às 12 horas, quando chegou ao local. Pela manhã o deputado estava no Palácio dos Bandeirantes.



O juiz Moraes (ao lado) e o promotor Airraes querem que os militares sejam interrogados.

## Justiça e SNI travam guerra sobre o caso Baumgarten

Uma verdadeira guerra está sendo travada entre a Justiça e o Serviço Nacional de Informações. No início do mês o promotor Gerson Arraes requereu que os generais Otávio de Aguiar Medeiros e Newton Cruz, do SNI, despussem no caso Baumgarten. Em resposta, o porta-voz da Presidência da República anunciou que os generais não deporiam.

Após esse fato, até a exoneração do promotor Arraes foi anunciada pela imprensa, e no dia seguinte desmentida. O jornalista Baumgarten, proprietário da revista O Cruzeiro, tinha íntimas ligações com o SNI e, após algumas desavenças com este órgão de espionagem do governo, es-

creveu um documento em que dizia que o SNI havia decidido a sua "extinção física", e manifestava sua única dúvida: se "essa decisão foi tomada a nível de ministro-chefe do SNI, general Otávio Medeiros, ou do chefe da Agência Central do SNI, general Newton Cruz". Tempos depois, Baumgarten foi, como sempre, assassinado.

Mas o delegado Fontenele, que investigou o caso não ouviu esses militares. Agora, quando o promotor requereu que os generais fossem interrogados, o porta-voz da Presidência da República divulgou um ofício do general Newton Cruz, onde este arvorava-se o direito de não atender à exigência judicial "para preservar a instituição". Tal argumento teria o poder de colocar qualquer elemento da polícia secreta acima da lei, autori-

zando-o a cometer qualquer tipo de crime ou atrocidade.

Mas o juiz Motta Moraes, encarregado do assunto Baumgarten, foi enfático — disse que a legislação em que os generais se baseiam para não depor "se restringe a depoimentos sobre atividades do SNI. Como o próprio general Newton Cruz afirmou que o caso Baumgarten é um crime comum, não há porque evitar o depoimento".

O promotor Gerson Arraes quer que sejam ouvidos, além dos generais Newton Cruz e Otávio Medeiros, o coronel do Exército Agêssio da Silva Bahia e o agente do SNI Marcelo Rosa.

As investigações sobre o assassinato do jornalista já levaram à conclusão de que, antes de ser morto, ele ficou detido por oito dias.

# A rebelião é o centro das atenções

## Fernando Henrique: Nossa política é o contrário dessa aí

O senador Fernando Henrique Cardoso é uma estrela em ascensão no PMDB. Pouco após assumir uma cadeira na Câmara Alta, foi eleito presidente do Diretório Estadual do partido, segunda-feira passada. Por trás do político, sente-se o Fernando Henrique intelectual, preocupado, por exemplo, em evitar que pelo fato de estar no governo do Estado o PMDB seja trágico pela prática do clientelismo, da divisão de cargos. "O PMDB não pode ser igual à Arena, ao PDS — enfatiza o senador. — Não é igual. E não vai ser".

Mas foi como político — e político opositorista coerente — que Fernando Henrique Cardoso recebeu a *Tribuna Operária*, minutos depois de sua eleição, para falar dos acontecimentos que abalaram São Paulo.

TO. O que acha da acusação feita pelo SNI e por parte da imprensa, de que os culpados pelas violências teriam sido os comunistas?

F.H.C. Primeiro, eu não tenho nenhuma informação sobre "culpados". Sei que houve uma manifestação, normal, contra o desemprego. E sei que no comportamento de massas houve excessos. Acredito, pelos telefonemas anônimos, os boatos, que tenha havido uma provocação, mas dos setores descontentes com a vitória do PMDB nas eleições. Mas o fundo do problema é o desemprego, a miséria, a política econômica do governo federal. O resto (o senador sorri e desculpa-se pelo termo acadêmico), o resto são epifenômenos, são fenômenos de muito menor proporção.

TO. Ao nível das bancadas opositoristas no Congresso Nacional, o que se pode fazer frente ao desemprego?

F.H.C. É fazer o que nós estamos tentando, mostrar que a política econômica do governo federal é uma política suicida; que a equipe econômica do governo perdeu a credibilidade; que é preciso mudar, mudar já; e que há alternativas.

TO. Que alternativas?

F.H.C. O governo propõe que tudo seja feito para pagar a dívida. Nós propomos o



O novo presidente do PMDB-SP

contrário, que tudo se faça para garantir uma taxa de crescimento que produza empregos. Eu não acho que a gente deva dar o calote, mas o principal é pagar o povo. Se sobrar, paga a dívida.

TO. No plano imediato, de emergência, quais seriam as medidas?

F.H.C. Primeiro reativar, já, a construção civil. Dar crédito à pequena e à média empresa. Segurar os juros. E assegurar preços mínimos para a agricultura.

TO. Acredita que o governo Figueiredo possa converter-se a uma orientação assim?

F.H.C. Esse governo? (Ri). Não. Porém tudo isso leva a que a gente force mais pela eleição direta, para termos um novo governo no país.



Aurélio (o segundo a partir da esquerda) acompanha o Comitê dos Desempregados ao Palácio dos Bandeirantes.

## "O mandato que exerço é da classe operária e do povo"

Acusado pelo governo — e por certas figuras da oposição — de responsável pelos tumultos de 4 e 5 de abril em São Paulo, o deputado operário Aurélio Pees ocupou a tribuna da Câmara Federal para fazer uma defesa política de sua atividade e do movimento dos desempregados. Deixou claro que seu mandato pertence ao povo, aos operários, e só a eles deve satisfações.

"Como operário que sou, eleito com os votos de 62 mil paulistas, em sua grande maioria operários como eu — disse ele — conheço de perto a situação de desespero da classe operária. A política econômica e social, antinacional e antipopular, e queiram ou não admitir os responsáveis por ela, a única responsável pela situação de miséria absoluta, de fome, de desespero e insegurança em que vive a classe operária deste país.

"Direito intransigentemente o direito dos trabalhadores, dos

operários e do povo em geral de se organizarem livremente para defender seus interesses e lutar por melhores dias. Reafirmo aqui meu compromisso com esta luta. O mandato que exerço não me pertence. Ele é do povo e dos operários que o concederam. Por isso é que tenho convicção de que este mandato deve ser exercido ao lado do povo.

"Os desempregados e todos aqueles que defendem, que lutam ao seu lado, não objetivam desestabilizar ou responsabilizar o governo democrático de Montoro, eleito por mais de 5 milhões de paulistas que escolheram uma proposta política assentada na participação popular. Ao elegerem Montoro os paulistas disseram não aos 19 anos de arbítrio e repressão desenfreada que se instalou neste país. Todos sabem que a solução para o problema do desemprego não depende do governo de São Paulo. Depende de uma total reformulação da política econômica e social e de uma vigorosa

ruptura com o modelo político que o sustenta.

### NÃO TEMEMOS O POVO

"Entendemos que a luta do povo e dos desempregados é legítima e a apoiamos integralmente. Mas repudiamos com vigor a ação daqueles que tentam usurpar o direito legítimo de manifestação e organização do povo para, com isso, tentar atingir outros objetivos, espúrios, e criar obstáculos para o avanço da democracia.

"Não temos medo das manifestações populares e não as deixaremos de fazer e incentivar. Entretanto, saberemos coibir com vigor a ação dos oportunistas, dos agitadores e dos grupos de direita que insistem em tentar desviar estas manifestações.

"O saldo geral de todos estes episódios é positivo. O movimento que sacudiu São Paulo chamou a atenção da Nação para o grave problema do desemprego e abriu um caminho para que diversas medidas imediatas sejam discutidas profundamente pela sociedade. E, finalmente, executadas."

## Para os líderes da Pró-CUT, o governo de Brasília é o culpado

A explosão de revolta dos sem emprego e os violentos incidentes dos últimos dias ecoou com força na reunião da Comissão Nacional Pró-CUT, no último fim de semana em São Paulo. A *Tribuna* ouviu alguns dos seus dirigentes que aprovaram na ocasião uma nota de denúncia da política econômica do governo federal e de solidariedade à luta dos desempregados.

PAULO PAIM, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas e da Intersindical do Rio Grande do Sul: "O governo é o culpado pela explosão. Ele só vive apertando o cinto dos trabalhadores e agora o gato virou fera. Acusar o PCdoB é descabido. Não é este ou aquele partido o culpado pelo saque do FMI. Não foi este partido que teve a covardia de lançar um decreto-lei que arrocha ainda mais os salários.

"A convulsão social no Rio Grande do Sul também avança a passos largos e nós já avisamos o governo. Se medidas energéticas não forem tomadas contra o governo federal, para que mude a política econômica, os gaúchos caminharão para uma grande explosão. Só entre os metalúrgicos há 30 mil desempregados no Estado, sendo que em Canoas há 15 mil pais de família sem emprego."

JOSÉ NEVES, presidente do Sindicato dos Comerciantes do Distrito Federal: "Em Brasília, bem na cara dos homens do governo, só no comércio há 15 mil desempregados. Os sindicatos têm de assumir a defesa destes trabalhadores que hoje estão sem emprego.



Bahia imagine Maluf na manifestação!



Paim: "Agora o gato virou fera"

no meio dos desempregados. O contraditório seria ver o Maluf e o Delfim numa manifestação dos desempregados, e não os comunistas, que estão sempre onde estiver a classe operária, que eles defendem."

CÉLIO DE CASTRO, presidente do Sindicato dos Médicos de Minas Gerais: "A luta dos desempregados é justa e necessária. Agora, uma coisa é o saque para conseguir alimentos, e outra são os atos de depredações gratuitas. Nestes quem tem interesse são os grupos que querem criar dificuldades para o governo estadual democraticamente eleito por 5 milhões de paulistas.

"Em Belo Horizonte a Intersindical já assumiu a criação de comitês de desempregados. Esta proposta deve ser assumida pelo movimento sindical de todo o país. Nesta luta deve-se juntar os desempregados e os empregados, que em perspectiva correm o risco de também serem demitidos."

### OSCARILINO ACUSA

Na quarta-feira, o presidente da Fepasp (Federação Paulista dos Servidores Públicos), Oscarilino Marçal, denunciava em entrevista coletiva as falsidades do jornal *Folha da Tarde*, que incluía seu nome numa pretensa lista dos "baderneiros". Para Marçal, trata-se de uma provocação destinada a isolar os setores mais consequentes da oposição popular.

A explosão da fome nas ruas de São Paulo fez tremer os alicerces do Palácio do Planalto. Os generais perceberam que os trabalhadores não se deixarão massacrar passivamente. Imediatamente o governo federal prometeu planos milagrosos contra o desemprego. E, como não podia deixar de ser, fez ameaças e pediu colaboração de todos para superar a crise.

No dia 9, em rede nacional de televisão, o General Figueiredo lamentou que o país tenha "saído da prosperidade para entrar na recessão", e disse raivoso, que não tolera a "perturbação da ordem". Só não explicou a prosperidade do Citibank, que teve no Brasil 20% de seus lucros em todo o mundo. O senador Pedro Simon comentou: "quem ouviu o discurso de Figueiredo até se esqueceu de que ele é o grande responsável, por ação ou omissão, pela situação em que o país vive".

### DEMAGOGIA

Logo em seguida, anunciou-se que, com recursos do Finsocial, o governo vai gerar 640 mil novos empregos na construção civil. Vai dar também bônus de alimentação para os trabalhadores que ganham até um salário mínimo. Cada ticket vale metade de uma cesta de alimentos para 15 dias. O projeto promete atingir 200 mil empregados em um ano. Delfim Netto, camicamente, diz que aceita o seguro-desemprego... se houver recursos.

A política econômica aponta para uma recessão cada dia mais profunda e não para o crescimento da produção. Desta forma os tais "novos empregos" dificilmente passarão de promessas demagógicas. E o bônus alimentação, para uma pequena parcela de trabalhadores, não compensa, nem de longe, as perdas causadas pelo decreto-lei 2.012 que retira 10% dos vencimentos de todos os que ganham menos de três salários mínimos.

Enquanto isto, em São Paulo, Assis, Sorocaba, Franca e outras cidades do interior paulista, estão sendo planejadas medidas de emergência. Almir Pazzanoto, secretário do Trabalho, anunciou a criação de 30 mil empregos temporários, por 90 dias. Iniciou-se a distribuição de 50 mil vales para distribuição de alimentos aos desempregados.

O Comitê de Luta Contra o desemprego comenta que "estas medidas não resolvem o problema, mas ajudarão. A questão do desemprego só será solucionada atacando-se a política social e econômica". E como prova disto, logo após os empresários prometerem ao governador Montoro não fazer novas demissões, a Wallita colocou 200 operários na rua.

### ORGANIZAÇÃO E LUTA

No dia 8, uma reunião com cerca de 300 trabalhadores na Administração Regional do Campo Limpo, Zona Sul, o recém criado Conselho Popular propôs o cadastramento dos desempregados e a sua organização por área, com a ajuda do Comitê de Luta Contra o Desemprego. Nestas áreas os alimentos doados seriam entregues pelas entidades locais.

Os trabalhadores presentes não se recusam obviamente a receber os alimentos, mas durante todo tempo insistiram: "Queremos emprego". E reafirmaram que a sua organização é a questão chave para dar continuidade à luta por trabalho e salários dignos.

Na Câmara Municipal de São Paulo o vereador Walter Feldman apresentou um projeto criando o passe do desempregado nos transportes coletivos, equivalente à metade do valor da tarifa. Igual medida foi tomada em Teresina, Piauí, pelo vereador Deusdedit Nunes, numa reunião realizada no dia 12, com sindicalistas, líderes populares e estudantes.

## Em cena uma nova imprensa marrom

Diante do grito de revolta do povo, manifestou-se em São Paulo uma grande onda da imprensa política, servida de arbítrio. A *Folha da Tarde*, por exemplo, apontou certos cidadãos em fotografias e sem nenhum escrúpulo, sob orientação dos serviços de informação, passou a atacá-los como baderneiros. Não mostrou entretanto nenhum deles em qualquer baderna e sim numa foto da assembleia no Largo 13 de Maio.

Mais outros órgãos, tidos como respeitáveis, embora de forma mais refinada, fizeram o mesmo jogo. Identificaram, em manchete, o governo opositorista de Montoro com baderna e saques, e indiretamente pediram intervenção federal, porque São Paulo estava "sem governo". Acusaram parlamentares de pertencem ao PC do Brasil, numa inequívoca manobra para o seu enquadramento na Lei fascista de Segurança Nacional. E suscitaram abertamente a sua expulsão do PMDB. Tentaram de tudo para criar atritos entre os setores populares e as forças democráticas.

Defendemos intransigentemente a liberdade de imprensa. Mas isto não nos impede de repudiar com veemência as calúnias e as manobras sujas que só interessam aos fascistas e opressores de nosso povo.



## Vilela: paciência do povo tem limite

Com sensibilidade de político tarimbado e a coragem de autêntico democrata, o ex-senador Teotônio Vilela não tem perdido oportunidade de chamar atenção para o significado dos distúrbios em São Paulo. Terça-feira, perante uma plateia de 5 mil pessoas em Goiânia, logo após ser homenageado pela Assembleia Legislativa de Goiás, ele qualificou-os como uma manifestação inequívoca de que o povo chegou aos limites de sua paciência.

porque entre nós temos muitos ladrões e saqueadores".

Muito aplaudido durante todo o seu discurso de uma hora e meia, que ele fez de pé, Vilela emocionou a todos os presentes, entre eles o governador Iris Rezende, os senadores Mauro Borges e Henrique Santillo. "Uma nação — disse — não é só riqueza. Um povo não é só riqueza. Uma pátria é sobretudo dignidade, fraternidade, liberdade. Nada disso, na essência, nós temos. A luta que empreendemos agora é uma luta pelo restabelecimento das estruturas políticas brasileiras. Até onde eu irei, não sei. Mas enquanto for vivo me adentrarei nas propostas legítimas que demandam a redescoberta dos valores brasileiros. Disse ninguém me afasta. Não quero vida para gozá-la. Eu quero vida para entregá-la à minha pátria". (da sucursal).

"Só os tolos ou aqueles que querem nos enganar podem fugir à realidade — observou. O povo já não tem mais como conter a sua ansiedade. Não se trata de violência. Se houve saque, se houve assalto, nada disso impede o fundamental: houve uma passada dos desempregados. Se entre eles havia ladrões, saqueadores, não vamos nos assombrar.

**União Metalúrgica lança o jornal "O Martelo"**

Com o objetivo de servir como "um instrumento de unidade e de luta dos metalúrgicos da capital de São Paulo no trabalho de fortalecer nosso Sindicato, unificar a categoria metalúrgica, ajudar a sua organização dentro de cada fábrica e ir forjando uma corrente classista na luta por um mundo melhor", a União Metalúrgica lançou o primeiro número do jornal **O Martelo**. O jornal se propõe a matiar a exploração capitalista nas empresas e levar a categoria para sua entidade de classe.

**DRT de Minas rejeita o fim do INPC na Belgo**

Alagando ser o acordo ilegal, o Delegado Regional do Trabalho, Onésimo Viana de Souza, não homologou o registro do acordo entre os patrões e os metalúrgicos de Sabará, Minas Gerais. Os operários, preocupados com o fantasma do desemprego, decidiram em assembleia abrir mão do INPC em troca de estabilidade no emprego. "Não se negocia o INPC — afirmou o delegado — pois isto fere a lei 6.708 que o institui como sendo o índice de reajuste mínimo de salários. Portanto, este acordo não pode ser homologado pela DRT. Caso seja mantido, todos aqueles que se sentirem prejudicados, como é o caso dos 40% que na assembleia votaram contra ele, poderão entrar na Justiça reivindicando o pagamento do INPC. O acordo não tem validade". Enquanto isto prossegue a mobilização dos metalúrgicos da Belgo Mineira de João Molevade e Contagem, que se mantêm firmes em não aceitar a redução dos salários. (da sucursal)

**Passeata de mil enfermeiros no Rio Grande do Sul**

Os profissionais da área de enfermagem de Porto Alegre realizaram no último dia 7 uma passeata pelas ruas do centro da cidade, protestando contra a tentativa dos hospitais de aumentar o horário de trabalho de seis para oito horas. Mais de mil pessoas participaram da manifestação, que contou com o apoio dos estudantes da Ufrgs e da Unisinos. Guadalupe Haag, da diretoria do Sindicato dos Enfermeiros, declarou que a "jornada de seis horas é uma conquista de onze anos. Não podemos aceitar o aumento da jornada, pois isto significa abrir um precedente para todos os hospitais particulares". De imediato os enfermeiros pretendem que seja aprovado o projeto que institui a regulamentação da jornada. Na manifestação pronunciaram-se parlamentares de vários partidos, entre eles Juscelino Kubitschek, em nome dos partidos de oposição da Câmara de Vereadores. (da sucursal)

**Estudantes de veterinária do Piauí em greve**

Os estudantes do curso de veterinária da Universidade Federal do Piauí estão em greve desde o último dia 7. Eles exigem a contratação de oito professores aprovados em concurso público. Os grevistas também reivindicam melhoria imediata da infraestrutura, construção do laboratório de doenças infecto-contagiosas, etc. Segundo a presidente do Centro Acadêmico de Veterinária, Joseilinda Gonçalves, "os estudantes estão há mais de um mês sem assistir aulas devido a ausência de professores". A Reitoria alega que a universidade não dispõe de verbas para contratar os docentes, mas os estudantes garantem que a intenção é desmoralizar o curso. Dia 11 houve nova assembleia, onde decidiu-se manter a greve. Onda participou o vereador Osmar Júnior — ex-presidente do DCE — que no dia seguinte entrou com requerimento na Câmara, aprovado, exigindo imediato atendimento das reivindicações. (da sucursal)



Clara Araújo, presidente da UNE, ao centro, entre os parlamentares em Brasília.

**Deputados apóiam campanha pela legalidade da UNE**

Durante um encontro da diretoria da União Nacional dos Estudantes (UNE) com líderes de todos os partidos de oposição, no Congresso Nacional, foi lançada uma campanha nacional pela legalização da entidade. Estiveram presentes aproximadamente 20 deputados, entre eles alguns ex-presidentes da UNE, como Aldo Arantes, Luiz Guedes, Celso Peganha, José Frejat, entre outros. O PDS não compareceu.

Durante a reunião, a presidente da UNE, Clara Araújo, falou aos parlamentares destacando a importância histórica daquele acontecimento, pois pela primeira vez a entidade reuniu-se com todos os partidos de oposição. E solicitou o seu apoio para a luta pela legalização da UNE. Lembrando os líderes estudantis que foram mortos, perseguidos ou que estão desaparecidos, Clara afirmou: "Mesmo com todas essas tentativas de calar a voz dos estudantes brasileiros, eles se organizaram e conseguiram reconstruir a UNE. O governo, no entanto continua sem querer ouvir a voz legítima dos estudantes brasileiros. Por isso a luta pela legalização da UNE faz parte do anseio democrático do povo brasileiro".

**PATRIMÔNIO DA NAÇÃO**

O líder do PDT, Bocariva Cunha, manifestou a total solidariedade de seu partido à luta da UNE e convidou, em nome do governador Leonel Brizola, a entidade a se instalar no Rio de Janeiro. Já o líder do PMDB, Freitas Nobre, afirmou que "a UNE é um patrimônio da nação. Os estudantes sempre estiveram à frente de todos os movimentos renovadores da sociedade brasileira e essa tradição precisa ser preservada. Só isso nos obriga a um compromisso histórico com a UNE do qual não podemos nos furtar".



Crianças que trabalham nas empresas de reflorestamento durante o almoço.

**Reflorestadoras matam e expulsam lavradores**

Foi realizado nos dias 8, 9 e 10 de abril, em Santa Maria da Vitória, o I Encontro Interdistrital Sobre Reflorestamento. Foi denunciada a ação de empresas reflorestadoras que estão se expandindo rapidamente, estimuladas por incentivos governamentais. Deste encontro participaram a Contag, a Fetag de Minas e Bahia e 17 sindicatos de trabalhadores rurais.

No encontro realizado no interior da Bahia, foi denunciada pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetag) da Bahia a ação das empresas reflorestadoras no município de Correntina. Nos dois últimos anos 21 pessoas já foram mortas e mais de mil famílias de posseiros e pequenos proprietários rurais foram expulsos de suas terras por estas empresas.

O projeto de reflorestamento atinge milhões de hectares na Bahia e em Minas. A implantação desordenada e sem fiscalização do reflorestamento está sendo feita por 41 empresas privadas. Estas empresas fazem tráfico de menores e crianças, que são

trazidas de outras cidades para trabalhar na área desse projeto.

**COMPROMISSO DOS PARTIDOS**

Ao final da reunião os líderes dos quatro partidos de oposição e todos os parlamentares presentes assinaram um documento onde se comprometem a lutar pela legalização da entidade. "Os partidos políticos, reunidos em Brasília, através de suas lideranças na Câmara Federal, com a diretoria da UNE, reconhecem o direito inalienável dos universitários brasileiros se organizarem através da UNE, entidade legitimamente constituída e representativa dos seus interesses".

A seguir o documento dos parlamentares afirma: "Em meio século de existência, a UNE é parte integrante da história do Brasil. Simboliza a defesa dos interesses nacionais e da democracia. Por estes motivos, a legalização e o reconhecimento da UNE é imperativo para a instauração da democracia plena em nosso país. Selamos o compromisso público de apoiar decisivamente esta campanha".

Finalizando as manifestações programadas para o lançamento da campanha pelo reconhecimento da entidade, o deputado federal Aldo Arantes, do PMDB, falou no horário de liderança de seu partido. Falando com um dos mais importantes ex-presidentes da entidade, Aldo disse: "O impedimento à existência legal da UNE e das UEEs só tem razão de ser em decorrência de uma decisão política e, para caminharmos firmemente no sentido da democracia, torna-se indispensável a sua legalização". (da sucursal)

**TROCA DE EXPERIÊNCIAS**

Foram tratadas também as debilidades do movimento sindical rural para responder a esses graves problemas e trocar-se experiências muito ricas sobre o reflorestamento. Falando sobre o atraso do movimento sindical em relação aos problemas trazidos pela aplicação do projeto, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Correntina afirmou que "só vai pra frente quando o dirigente sindical entender o que é política de classe".

No informe apresentado pelos sindicalistas ao final do Encontro foi aprovado que "se o governo federal estivesse interessado em beneficiar os pequenos, faria reflorestamento com plantas úteis à classe, ao lado de seus trabalhos. Isto através da reforma neste sentido, por causa deste sistema político e econômico que concentra as terras nas mãos de uma minoria". (Paulo Osioviç, da sucursal de Salvador)

**Greve geral causa polêmica na Pró-CUT**

Preocupados com os incidentes de São Paulo, mais de 40 dirigentes sindicais da Comissão Nacional Pró-CUT reuniram-se nos dias 9 e 10 em São Paulo. A discussão da greve geral voltou a tona com força, deixando mais claras as posições favoráveis e contrárias à sua preparação. No final prevaleceu a orientação dos setores mais combativos da Pró-CUT.

"Ou o movimento sindical dá direção a luta contra o desemprego e o arrocho salarial, ou os trabalhadores atropelam os Sindicatos, saem às ruas sacudindo, sem qualquer organização", afirmou, incisivo, Paulo Azevedo, dos Metroviários paulistas, que concluiu: "Não podemos lavar as mãos frente aos incidentes de São Paulo. O desencantamento está aí e exige uma resposta do movimento sindical. Se não temos condições ainda de marcar a data da greve geral nacional, temos que pelo menos prepará-la". Mesmo assim alguns sindicalistas atacaram com fervor a necessidade da Pró-CUT divulgar e preparar uma greve nacional. Entre eles, Ivan Martins, do Sindicato dos Bancários do Rio, que chegou a dizer que "é malucoso falar em greve geral. É uma aventura porque esta discussão não está colocada na ordem do dia entre os trabalhadores. Ivan se contrapôs, inclusive, a que a Pró-CUT divulgue a idéia da greve geral.

**DIVULGAR A GREVE**

Mas esta posição recuada foi logo criticada por inúmeros membros da Pró-CUT, que hoje tem no seu interior sindicalistas mais representativos e comprometidos com a luta operária. Paulo Paim, dos metalúrgicos



Sindicalistas da Pró-CUT reunidos em discussão à greve nacional.

de Canoas, deu primeiro o exemplo dos gaúchos: "No Rio Grande do Sul também havia os que diziam que na assembleia intercategorias no Araújo Viana não iria ninguém, que o trabalhador está com medo. Mas o auditório lotou, com mais de 10 mil pessoas, e lá se indicou uma greve de um dia em 18 de maio. Todos saíram de lá com a responsabilidade de prepará-la. No 1º de maio unitário em Cascas vamos ver as condições de fazê-la no Estado". Depois, conclamou: "Temos que deixar de fazer apenas discursos e partir para prática". Ele ressaltou, com razão, que esta greve não resolverá todos os problemas da nação, não derrubará o regime militar e nem atingirá 100% dos trabalhadores brasileiros. Será uma paralisação de protesto e de acumulação de força do movimento operário.

Não houve necessidade nem de votação. A Pró-CUT decidiu continuar divulgando e preparando a greve geral. De 15 de abril, quando se dá a leitura no Congresso do decreto-lei 2012 do arrocho salarial, até 25 de junho, prazo para sua votação, o movimento sindical deverá

realizar inúmeras ações para combater o decreto e preparar a delagração da paralisação. O 1º de maio deverá ser unitário e amplo, atraindo todos os setores contrários à política econômica do governo, e o 18 de maio será o Dia Nacional de Pressão contra o decreto-lei 2012 e o desemprego. Dependendo do nível de organização, cada Estado decidirá quais as formas de protesto, que podem ir da greve estadual, como no Rio Grande do Sul, até atos localizados. Haverá também uma caravana de sindicalistas a Brasília no dia da votação do decreto, a ser definido.

**CONCLAT EM AGOSTO!**

A reunião também reafirmou que o Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras (Conclat) será em agosto e em São Paulo. Alguns sindicalistas, preocupados com a divisão do movimento sindical paulista, chegaram a mostrar vacilação quanto a esta resolução. Mas o ânimo dos outros os convenceu da necessidade de se agilizar o processo de convocação do Conclat.

(Altamiro Borges)

**Vitoriosa a luta dos moradores do Lagamar**

Após dois meses de luta, as famílias que ocuparam o conjunto habitacional Lagamar, em Fortaleza, conseguiram o direito de permanecer nas suas casas. As restantes vão ser transferidas para um conjunto residencial a ser construído no bairro Jangurussu. "Foi uma vitória" — afirmou um dos moradores. "Nós conseguimos o que era importante agora, a nossa moradia".

Durante o carnaval, os flagelados das enchentes do rio Cocó ocuparam o conjunto Novo Lagamar, construído pelo projeto Pró-Morar. O governo estadual usou das mais diferentes formas de pressão para tentar expulsar os novos moradores. Desde comissões da PNI e agentes do DOPS até ordens judiciais, determinando os despejos, foram usados contra os moradores do Lagamar. Mas o povo unido resistiu.

A disposição de luta dos ocupantes das casas que contam com o apoio da população, de parlamentares opositores e da Federação dos Bairros e Favelas de Fortaleza obrigou o



Moradores do Conjunto Lagamar mobilizados em defesa de suas casas.

governo a aceitar as reivindicações.

**FORAM TRÊS VITÓRIAS**

Das 760 casas ocupadas, 572 famílias cadastradas no projeto conquistaram o direito de per-

manecer ali. As 188 restantes, que não estavam inscritas, conquistaram um terreno em Jangurussu, onde será construído um novo conjunto habitacional, especialmente para estas famílias. A construção deste conjunto será fiscalizada pelos moradores, através da Federação de Bairros e Favelas e da Comissão Pró-Associação de Bairro.

Haroldo, uma das lideranças dos moradores, diz: "Foram três vitórias juntas. A primeira, foi a forma de conquistarmos a casa que nós não tínhamos e vamos ter daqui a 40 dias. A segunda, as quinientas e tantas famílias que ficaram no Lagamar. E por fim a permanência dos não cadastrados até construir o novo conjunto".

Para Inácio Arruda, presidente da Federação de Bairros e Favelas de Fortaleza, "esta vitória não é só dos moradores do Lagamar. Foi o movimento popular de Fortaleza que saiu vitorioso, fortalecido e unificado. Não adiantaram os intentos do governo que fez tudo para isolar o movimento e confundir a opinião pública. A experiência vai ensinando a população". (Abel Avelar, da sucursal)

**"Não vamos demolir barracos"**

Os operários carioca mostraram por duas vezes que não estão dispostos a ser "leão de chácara" de seus patrões. Não aceitaram demolir barracos construídos por invasores de terrenos baldios. Conscientes de que aquela luta pela moradia era a mesma deles, preferiram sofrer a ameaça de serem demitidos a tocar nos casebres levantados pelos seus irmãos de classe.

O primeiro caso ocorreu no dia 6 de abril contra os ocupantes do terreno da fábrica de tecidos Nova América, em Inhaúma. A fábrica avisou aos operários que eles tinham apenas "esticar arame". Mas quando chegaram ao local e um oficial de justiça lhes deu ordens para derrubar as casas, se recusaram a

obedecer.

Dia 12 os empregados da Companhia de Mudasças São Domingos recusaram-se a demolir 41 barracos construídos num terreno da Light, encostado à favela de Mangueiras. Os dois oficiais de justiça exibiram o mandado de reintegração de posse inutilmente, pois os trabalhadores não fizeram o serviço. "Não vamos demolir barracos nenhum não, doutor. Tem família aí com mais de cinco filhos. Se meu patrão quiser me despedir, tudo bem, mas eu e meus amigos não vamos fazer um negócio desse não. O pobre é muito castigado" — afirmou o operário Sebastião Campos de Araújo sob os aplausos dos invasores. (da sucursal)

FALA O POVO

# Servidores do Ceará aprendem uma dura lição

O governador do Estado do Ceará, através de decretos, vai deixar o funcionalismo morrendo de fome, pois com sua austeridade já tirou a gratificação de um terço do ordenado do funcionário público. Vai tirar as gratificações dos projetos e vai fazer concurso para jogar fora todo o pessoal que foi contratado dois meses antes das eleições. Mas só que ele esquece que foram seus contratos e gratificações (dados antes das eleições) que fizeram com que os cearenses inocentemente o elegeissem. Por que ele não tira as mordomas dos

grandes? Todos nós sabemos que só para reformar seu gabinete ele gastou 16 milhões de cruzeiros. E isso porque o Estado está sem dinheiro, como ele diz...

E, como se não bastasse tudo isso, já foi informado de que o pagamento do mês de março dos funcionários só sairá depois de 15 de abril e ainda vem mais austeridade. Será que os cearenses ainda vão eleger novamente os militares nas próximas eleições? Pedimos o apoio de todos os parlamentares da oposição (um funcionário público de Fortaleza, Ceará)



## Ambulantes com fome, prefeito no banquete

Aqui em São Luís depois da "Revolução" de 1964, com o fechamento das fábricas, o desemprego aumentou estupidamente. E em consequência disso surgiu grande número de marginais e assaltantes e também de vendedores ambulantes, esses pobres cotados que vendem mercadoria para não serem marginais e se estabelecerem na rua Osvaldo Cruz, a principal rua da cidade. Isso não agradou os comerciantes, que tudo vinham fazendo para tirá-los dessa rua, para que só eles ficassem vendendo pelo preço que quisessem pois os ambulantes vendiam mais barato.

Com a saída do prefeito Maceira assumiu interinamente a prefeitura o presidente da Câmara Municipal, Manoel Ribeiro, do PDS. Numa atitude desumana ele mandou que a PM desalojasse os vendedores ambulantes, tirando-lhes o sustento e o de seus familiares. Ele levou poucos dias para satisfazer os comerciantes, que lhe ofereceram um banquete, enquanto os pobres ambulantes passavam necessidades junto com seus dependentes.

Essa atitude do presidente da Câmara fez agravar sensivelmente a situação da população, aumentando o número de desempregados num Estado já arrasado financeiramente, com os funcionários estaduais e municipais com seus vencimentos atrasados. Em resumo, ele aumentou a miséria da população tirando o pão da boca dos vendedores ambulantes e suas famílias. (J.S. — São Luís, Maranhão).

Um funcionário público de Fortaleza, no Ceará, nos escreve contando do fim da gratificação dos servidores estaduais e municipais, bem como das demissões na categoria. O governador não cumpriu suas promessas e agora vem tomando os empregos de quem votou nele. Como bem pergunta o leitor, "por que ele não acaba com as mordomas dos grandes?" Consciente do que ocorre, ele mesmo volta a perguntar: "Será que os cearenses ainda vão eleger novamente os militares nas próximas eleições?"



## fala o POVO

vem sofrendo na carne pelo erro cometido. Mas estão aprendendo também. E seguramente diante de outra situação como essa, pensarão duas vezes... (Olivia Rangel)

## Operários almoçam pó na Retratarios Brasil

Quería fazer uma denúncia sobre a situação dos trabalhadores da fábrica Retratarios Brasil, em Suzano, que produz cerâmica.

Os empregados tomam refeição dentro da seção, misturando a comida com grande quantidade de pó. O refatório lá existente é só para os empregados do escritório.

Os que trabalham no horário noturno não recebem o adicional legal. Horas extras são pagas em envelopes brancos, sem timbre da empresa e sem qualquer

desconto do lapas e do FGTS.

Perguntando aos empregados porque não procuram o sindicato da categoria, eles disseram que lá são tratados pior do que na empresa. Quem os recebe no sindicato é o presidente Joaquim Damósio, um cara muito mal encarado, que fica armado de revólver dentro da sede. Quando recebe qualquer reclamação feita por nós, ele diz que a culpa da empresa agr. dessa forma é dos empregados. (B.P.A. — Suzano, São Paulo).

## Somos 730 famílias sem um teto para morar

Vimos através deste documento externar nossa satisfação pela posse de um governo que elegemos e no qual com certeza, como nos foi prometido, teremos participação.

Diante do grave problema que enfrentamos, aproveitamos a oportunidade para reivindicar a liberação e consequente urbanização da área compreendida entre o posto de gasolina e o Hospital Eduardo Ribeiro. Somos 730 famílias, assalariadas, muitas das quais com o chefe de família desempregado, e que há muito tempo esperamos por uma casa dos propagandeados "conjuntos populares" do BNH.

Reivindicamos um dos direitos considerados fundamentais para a família — que é o direito a moradia. Somos 730 famílias que não dispõem de um teto para morar. Fomos forçados a ocupar a refeitória área devido ao desespero em que vivemos e à indefinição do Estado quanto à nossa situação. Esperamos contar com o governador que elegemos para solucionar o nosso problema.

Somos pessoas necessitadas que não têm casa para morar. Vivemos em estâncias espremidas entre 4 ou 5 metros quadrados, pagando altas taxas de aluguéis.

A vitória da oposição sobre o regime de fome e opressão implantado em 1964 representa para nós a esperança de que o direito de cada cidadão seja restabelecido — que consiste em alimentação, educação, trabalho, saúde e moradia. Todos esses direitos nos foram roubados

pelos representantes das famílias, Manaus, Amazonas.

(seguem-se assinaturas dos representantes das famílias, Manaus, Amazonas).



## Kubota impõe o CCQ na fábrica de Diadema

A Kubota de Diadema criou um clima de terror e exploração em cima dos operários. Os chefes incapazes estão forçando os operários a aceitar o sistema japonês CCQ (Círculo de Controle de Qualidade) dentro da empresa. Esse método apenas vem criar mais desemprego e aumentar a exploração dos trabalhadores.

Por outro lado, os chefes pusosacos deram a sugestão de proibir os operários de fumar no local de trabalho. Então, foi feito um quadro no chão, com tinta amarela para os operários fumarem com tempo limitado e sem conversa. Foi também mais uma forma de pressionar os trabalhadores.

E isso tudo sem contar com a falta de segurança, higiene e limpeza nos banheiros e a péssima alimentação. E os chefes ainda falam que quem não estiver contente que peça a conta. Todos os operários estão revoltados com essa situação. (um operário da Kubota — Diadema, São Paulo)

## Professor com fome não tem condições de dar aula

É mesmo de cortar o coração a situação abusiva em que se encontra a Educação na Paraíba. "Saco vazio não fica de pé". "Professor com fome não tem condições de dar aulas".



Esta é a difícil situação dos nossos professores, em virtude de não receberem seus salários há dois meses. Refiro-me aos meses de fevereiro e março. Isso porque o dinheiro dos cofres públicos foi usado para fins eleitorais do PDS, que se rotula de defensor do povo e do entanto usa o que é do povo contra o próprio povo, roubando e escravizando a liberdade de pensamento através da compra de consciência. E quem paga o pato somos nós, educadores, somos obrigados a comparecer às salas de aula sem as mínimas condições físicas e psicológicas.

Dessa maneira, retratamos para o público em geral a situação alarmante e desumana com que agem o governador Wilson Braga e seu antecessor, Clovis Bezerra. A única forma de demonstrar a nossa insatisfação com essa calamidade

pública foi tomar posição de greve, o que já estamos fazendo em alguns municípios, como Patos, Cabedelo e Cajazeiras. (um professor do Estado — João Pessoa, Paraíba).



## Brigada Militar viola autonomia universitária

No último dia 22 de março os estudantes da Universidade Federal de Santa Maria realizaram grande passeata com a presença de cerca de dois mil universitários.

Os eixos principais da passeata eram: a conclusão da moradia estudantil, melhores condições e menor preço dos transportes, contra o fechamento do restaurante universitário e pela conclusão da creche. Com toda essa mobilização, era inevitável a presença da Brigada Militar, "gentilmente convidada" pela base aérea de Santa Maria, para reprimir a manifestação dos estudantes, violando assim a "autonomia universitária" de

uma forma flagrante. Mas nem isso intimidou os estudantes que continuaram a gritar palavras de ordem contra o ensino pago e o regime militar, além de alusões a "Vallandrião", o Reitor da UFSM.

Agora cabe às forças dirigentes do movimento estudantil de Santa Maria saber capitalizar a disposição de luta manifestada pelos universitários, representada pela bandeira da UNE, destruída no prédio da Reitoria, simbolizando a conquista de mais um espaço para o movimento estudantil. (do correspondente — Santa Maria, Rio Grande do Sul)

## Associação da Nova Cachoeirinha se lança

A atuante Associação Comunitária da Nova Cachoeirinha, Rio Grande do Sul, já obteve importantes vitórias mobilizando os moradores pela regularização dos seus terrenos e para que a Katerra execute as obras de infraestrutura na Vila. Agora se lança na luta por melhorias no transporte coletivo.

Na linha Fátima-Ponte, queremos o cumprimento do horário e prolongamento do itinerário pela Avenida Estados Unidos até o Colégio Estadual. Na linha Fátima — Canoas queremos mais ônibus e o cumprimento dos horários já existentes. Na linha Fátima via Av. Brasil queremos mais ônibus sem

prejuízo dos Via-Archiebi e Free Way. E reivindicamos uma nova linha: Fátima — Gravatá.

Presentes na reunião que discutiu essa questão dos transportes, o presidente da Associação, Sebastião, o secretário, Luis, o vice-presidente, Gilberto. O senhor Odélio Barcos, diretor-presidente da Viaçao prometeu atender todas as reivindicações. Na reunião foi comentado que a população fala até em quebrar os ônibus, revoltada com o mau atendimento e o preço abusivo das passagens. (um morador de Nova Cachoeirinha — Rio Grande do Sul)

## Donos do poder não calarão a Tribuna

Sou um rapaz de 32 anos, há quatro sem conseguir um trabalho com carteira assinada. Trabalhei por quase cinco anos nos correios na função de carteiro e me puseram para fora porque eu falava contra a ditadura, contra os desmandos da empresa, e porque tentava conscientizar meus colegas. Por isso, todas as vezes que consigo uma colocação me dão as desculpas mais estarrapadas para não me contratarem.

Meu irmão recebe um jornalinho das forças ditatoriais e armadas chamado "Letras em Marcha". Nele há uma seção chamada "Subversão em Marcha". Nela o governador Brizola é chamado de arruaço, prepotente e

corrupto. Arruaço é o ditador Figueiredo, são seus lacaios. O general-presidente disse que prenda e arrebitava. Isso é que é atitude de arruaço. Esse ditador travestido de representante máximo da nação brasileira processa os bravos e patriotas jornalistas com a famigerada Lei de Segurança Nacional, em vez de processar as multinacionais que infelicitam este país. Quero nessa ocasião solidarizar-me com todos os que fazem a Tribuna Operária pela ameaça dos donos do poder em processá-la com a draconiana Lei de Segurança Nacional. Eles nunca poderão calar essa voz que representa o brado de alerta do oprimido povo brasileiro. (A.B.M. — Maceió, Alagoas)

## Ainda assim voltaremos e seremos milhões...

Estive em Belém no dia 20 de março e pela primeira vez adquirei um exemplar deste magnífico jornal que tanto faz por todos nós, brasileiros injustiçados por este governo que nada sabe fazer além de roubar.

Escrevo apenas para mandar meu voto de solidariedade com os quatro enquadados, que são Pedro de Oliveira, Rogério Lustosa, Olívia Rangel e Bernardo Joffily. Também torço para

que o projeto do vereador goiano Euler Ivo seja aprovado para que o nome do ex-presidente da UNE, Honesto Guimarães, fique para sempre gravado numa praça. Como estudante, no colégio e no trabalho sempre repito uma frase gravada em minha memória: "Se nos prenderem, se nos matarem, ainda assim nós voltaremos e seremos milhões". (A.Q. — Paragominas, Pará)



# O calvário sem fim dos desempregados

Incontáveis brasileiros sentem na carne, todo dia, o drama da crise que até o dia 4 de abril a revista *Veja* acreditava ser um problema de "tabelas numéricas". Seu calvário começa de madrugada, quando saem de casa, ainda com um fio de esperança de na volta contarem à família que acharam emprego. Na esmagadora maioria das vezes, voltam para amargar mais fome e desespero.

Segunda-feira, 3 mil deles formaram imensas filas no Bosque da Saúde, na porta da CMTC (Companhia Municipal de Transporte Coletivo, de São Paulo). Como todos queriam receber as fichas de inscrição criou-se um tumulto, derrubou-se um muro, houve pânico entre os funcionários.

Enquanto aguardava sua ficha, o cearense Roberto de Oliveira contava: "O que eu andei a pé procurando emprego já dava pra chegar ao Ceará". Ele é motorista. Desempregado desde fevereiro. Tem um filho pequeno. E nunca na vida passou tanta dificuldade. "Se eu soubesse — diz — não tinha saído do Ceará. Enfrentei a seca de 88 lá, mas confesso que não foi como isso".

## Filhos mandados para longe, casais que se separam

Os relatos dos sem emprego falam de pais que têm que enviar os filhos para outros Estados, de casais que se separam... Fatos que não saem nas estatísticas, mas ajudam a explicar a surda revolta reinante. Milton da Silva, motorista, baiano de Santa Maria da Vitória, está há 12 dias em São Paulo. Deixou seus 12 filhos na Bahia. Na porta da CMTC, promete "fazer força para trazer os 12, de um em um". Mas outra baiana, Marinalva de Lima Conceição, desempregada há seis meses, teve de mandar os seis filhos de volta para a casa da sogra, em Salvador. Viúva, era cozinheira num restaurante, agora faz bicos lavando roupa. Com isso pagava um quarto no Parque Regina, Campo Limpo, periferia sul de São Paulo. Agora, invadiu um terreno.

Aparecido Donizeti Ferreira, metalúrgico, o *Cido*, perdeu o

emprego na Artefatos de Arame Brasil, em Santo André, ainda em julho passado. Na crise que se seguiu, terminou separando-se da esposa e hoje mora com a mãe e uma filha de um ano, numa casa ocupada no Centreville. "O desemprego — conta — cria um clima de tensão e discussão no lar. Pela conversa que a gente tem com outros desempregados, isto, existe também em outras famílias".

*Cido* tinha nove anos na empresa quando, junto com os companheiros, foi posto na rua. Todo dia pela manhã ele faz o roteiro das fábricas do ABC. "Tenho que ir a pé, porque não tenho dinheiro para condução" — diz. Um irmão de *Cido* não acha emprego há três anos. Trabalha na Copas, fábrica de fertilizantes, carregando sacos, "por causa dos produtos químicos ficou surdo e por isso não arranja serviço".

## Um pai que não tem dinheiro para o pão das filhas

Já Maria do Carmo Bertissoly tem outra história. Balcista num restaurante, foi posta na rua em fevereiro e chegou também a se separar do marido, também desempregado, desde novembro de 1981. "A gente morava com a minha mãe e teve época de eu dar água com açúcar para os meus dois filhos porque não tinha nada para comer. Nesta situação veio a separação". Mas em março Maria ocupou uma das casas do Centreville. Agora, "com o dinheiro do aluguel a gente pode comprar uma comida melhor". E o marido, que não tinha onde ficar, acabou voltando para casa.

Em Santo Amaro, onde nasceu a explosão do dia 4, numa casinha de



Foto: L. Carlos Leite



Manoel Murolo

*Cido, sem trabalho, sem esposa, e a multidão de 3 mil na porta da CMTC.*

dois cômodos em terreno da Prefeitura, mora João Rosa de Lima, sem emprego desde agosto de 1982. Enquanto ele fala — "o negócio está preto mesmo" — as três filhas pequenas o rodeiam

pedindo dinheiro para comprar pão. João vive de bicos, "mas um dia a gente ganha e no outro não ganha nada". Teve época de eu não ter um tostão no bolso". (Domingos de Abreu)

# Eles lideraram a luta dos sem trabalho

Projetado pelos acontecimentos de 4 e 5 de abril, o Comitê de Luta Contra o Desemprego montou seu quartel-general na Assembleia Legislativa de São Paulo — que cedeu-lhe uma de suas salas, num gesto solidário. A Tribuna ouviu ali algumas de suas lideranças, sobre a difícil e urgente tarefa de organizar os mais de 700 mil desempregados da capital paulista.

Nem todos os membros do Comitê são desempregados. A luta é de todos, com ou sem emprego. Tarcísio Oliveira, por exemplo, considera-se um subempregado — trabalha por comissão, como corretor de imóveis. Mineiro de Senador Firmino, onde começou a ganhar seu pão aos sete anos, vendendo sorvete, sua primeira lembrança ainda é para a terra natal. Ele deixou ali seis dos oito irmãos, e vibra até hoje, por exemplo, com a vitória de Rafael Fiorillo, do PMDB, para a Prefeitura local.

## "Agora todo mundo faz projeto, fala na televisão..."

Tarcísio tem oito anos de experiência com grupos cristãos de jovens e trabalha hoje na Comunidade de São Luis Gonzaga. Considera-se "ligado à luta do povo, com um fundamento cris-



Tarcísio (ao centro) e Arnaldo, reunidos no plenário que a Assembleia cedeu.

tão". E por isto, diz, "estou também no movimento dos desempregados, onde encontro o Aurélio Peres, que é um cara muito bacana, e juntos nós estamos trabalhando".

Outros, como os irmãos Arleide e Arnaldo Alves, vêm de uma experiência de luta sindical entre os metalúrgicos da capital paulista, que têm na Zona Sul a sua maior concentração. Arleide destaca a projeção que o movimento ganhou: "Até gente, que não estava nem aí para o trabalhador, se mexeu, fazendo projeto, dando entrevista na televisão... Quer dizer então que foi um negócio muito bom. A gente não aprova a baderna. Trabalhador não é baderno. Mas que a luta mudou muita coisa. mudou."

Arnaldo, primeiro suplente de vereador pelo PMDB, graças sobretudo aos votos metalúrgicos da Zona Sul, fala do trabalho atual do Comitê: "A gente está batalhando,

recebendo muito apoio e pedindo mais ainda, dos sindicatos, dos parlamentares, de todos. Tem surgido também vários convites para debates, com os arquitetos, com o pessoal da PUC e outros. Quer dizer, a gente vê que a luta repercutiu muito. Até a Europa está de olho em Santo Amaro".

Realmente a Tribuna pôde constatar, na noite do dia 12, visitas de solidariedade dos deputados estaduais Waldir Trigo, Nelson Nicolau, Benedito Cintra e Manoel Moreira ao Plenário D. Pedro I, onde funciona o Comitê.

forma é engrossar os Comitês de Luta Contra o Desemprego, que estamos formando por região e até por bairro. Inclusive eu acho que a luta tem que entrar num canal mais organizativo, para ter o eixo contra os patrões e o governo federal, responsáveis pela massa de desempregados que está aí".

A preocupação em organizar é grande. "Na pascatá — diz Arnaldo, referindo-se ao dia 5 — a via trabalhadora tendo que brigar com outro trabalhador, que estava prejudicando. O que é isso? falta de clareza, falta de organização".

## "O governo não sabia o que era um desempregado"

Porém, ninguém ali duvida de que aquela é uma luta de vida ou morte, por assim dizer, contra a fome e a degradação de milhares de famílias. "É um duelo contra o governo federal" — diz Aloísio, pintor, desempregado há cinco meses; e percebe-se que fala para valer: "Há duas semanas, o governo não sabia o que era um desempregado. Na batalha ele ficou sabendo. Agora o povo desempregado dá a tréguia para ele (e) aqui a palavra tréguia entra com um sentido todo especial: se ele não melhorar, vai ver uma coisa. Vamos quebrar o pau. Do governo estadual nós não podemos falar nada, porque o Montoro tem 20 dias de governo. Mas nos temos 19 anos de baixo do governo federal, e agora nós temos o nosso comitê para ver se melhora, porque piorar não vai poder piorar mais". (Bernardo Joffily)



O centro de Fortaleza foi transformado em verdadeira praça de guerra.

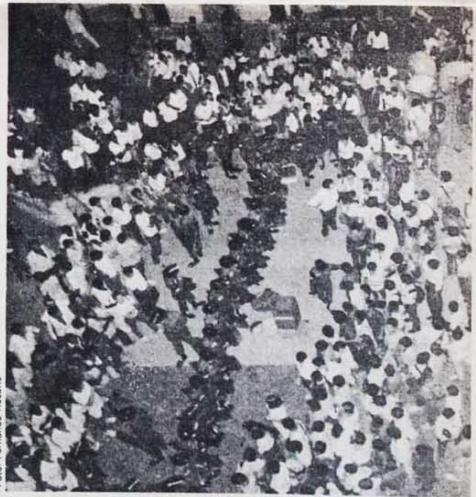
# Terror do PDS para impedir ato no Ceará

A rebelião contra a fome em São Paulo foi utilizada pelo governo pedesista e pela imprensa reacionária do Ceará para impedir o ato público pelas eleições diretas para Presidente da República, convocado para o dia 8, em Fortaleza. Pelotões policiais fortemente armados transformaram o centro da cidade em verdadeira praça de guerra.

O ato, convocado para a praça José de Alencar, vinha recebendo grande apoio da população. Os homens do PDS porém, na esteira dos acontecimentos paulistas, trataram de realizar todo tipo de pressões para suspender a manifestação pelas eleições presidenciais. Mesmo assim, os Departamentos Trabalhista, Feminino, a Juventude e o colégio de suplentes

do PMDB confirmavam o acontecimento. Até a manhã do dia 8, cerca de 100 mil convocatórias foram distribuídas. "Seria irresponsabilidade do Partido deixar a população a ver navios nesse momento. Afinal tratava-se de um ato que seria considerado corriqueiro em qualquer país em que se respire um pouco de democracia" — afirmou o suplente de deputado Benedito Bezerril.

Mas a imprensa reacionária, apoiando o governo, tratou de criar pânico. O radialista Paulo Lima Verde chegou a inventar saques e depredações. Lojas foram fechadas, policiais ocuparam a cidade, fazendo prisões. Não houve outro remédio. O PMDB suspendeu a manifestação. (da sucursal).



Tropas ocupam o Rio de Janeiro agitado pelos terroristas do regime.

# Direita faz provocações no Rio de Janeiro

Desde o vigoroso movimento dos desempregados nas ruas de São Paulo, o Rio de Janeiro tem vivido dias de grande tensão. Aproveitando o desespero do povo pobre, pela falta de comida, emprego e moradia, grupos provocadores de direita vêm sistematicamente promovendo conflitos e arruaças, com o intuito de sabotar o avanço da luta democrática.

Para confundir o povo, o diário "Última Hora" estampou na terça-feira dia 5, uma manchete dizendo "Invadim, Brizola garante", referindo-se às invasões de terrenos recentemente ocorridas no Rio. Na quinta-feira três motociclistas bem alimentados e bem vestidos insultaram o saque de um supermercado em Senador Camará, subúrbio do Rio. Neste mesmo dia uma

onda de boatos anunciava saques em várias localidades. Na sexta-feira grupos de rapazes atléticos começaram a correr pelas ruas do centro gritando "é saque, temos fome". A cidade acabou sendo ocupada por tropas da polícia militar.

Na segunda-feira, dia 11, os terroristas aproveitaram uma concentração de trabalhadores, que procuravam emprego diante de uma firma na Av. Presidente Vargas, provocaram um quebra-quebra e saquearam um caminhão de alimentos. Ficou evidente que estas provocações visam criar um clima de intransigibilidade para os democratas e atomizar os trabalhadores que acossados pela crise, levantam-se em defesa de seus direitos.